

Lusocuria

de Verónica Martínez Delgado - Apresentação 21/02/13

Este é o diário poético de uma mulher que se considera carne, carne crua sobre o lençol. Ao princípio, sem dúvida, foi a carne. A carne estava viva, já sabem, mas também exposta às olhadas e às mãos. A carne resultava vulnerável, porque aparecia carente de toda proteção. Para isso chegaram os vestidos, várias capas de tecido que não sempre servem para proteger do frio. As camisolas, as calças não trabalham, fora dos meses da invernia, em darem abrigo, mas em taparem o que não deve ser visto. Precisamente por isso a publicidade ensina as adolescentes a serem mulheres ensinando de mais: o começo dos peitos, as pernas, a barriga. Um aquele de liberação inunda-nos na praia, quando nos exibirmos em roupa interior; isso sim, segundo os ditados da moda: estar vestida na praia é tão insultante como estar nua. Tudo conforme as normas. Afirma Diana Torres, uma performer feminista, "a pele vai-se enchendo de acontecimentos que lhe outorgam a capacidade de ser couraça sem deixar de ser sensível, o poder de ser fronteira sem deixar de ser penetrável". Ao princípio foi a carne. Estava viva, mas era vulnerável, já sabem. A sua capacidade de sentir desafiava num mundo onde reinam as normas e a cega obediência. Num mundo onde devemos simular sermos todos idênticos a nós próprios e às imagens do celulóide, expandidas pelos videoclips que marcam o cânone da beleza, a carne resulta ferozmente autêntica. Os seus fluidos naturalmente rebordam-a. Provocam-nos: não ousamos nomear os fluidos que emanam da carne.

Seguindo a estela de Foucault, poderíamos assegurar que o inimigo aspira a que o corpo seja uma cela onde manter-nos na mais estrita das vigilâncias. O poder castiga o exibicionismo. O poder decide que ensinar e que ocultar. O poder censura quem se atreve, governa que práticas devem seguir-se, mesmo em que época da vida. Consente aos mais novos as suas saídas nocturnas: está-os animando a se excederem dentro de uma ordem para que aprendam que logo, na vida adulta, devem manter uma estabilidade emocional e sexual que os faça cidadãos e cidadãs

respeitáveis. E um cidadão respeitável sela com o colo da camisa abotoado um corpo que se oculta à vista: é um ser mutilado. Quiçá o nosso seja o tempo das insurgências, de unirmos a insurgência ortográfica de que falávamos antes, com essa insurgência corporal: se nos parlamentos, os senhores do fato vestissem um short; se as senhoras da elegante saia com americana a jogo aparecessem em *topless*, a nossa percepção da democracia mudaria. Cicciolina, uma mulher de isso que se chama mala reputação, acedeu ao parlamento de Itália durante os puritanos oitenta. Foi um ato de ousadia que os meios de comunicação burgueses sujeitaram a tempo. Mas a performance radical, quer se produza, quer não, tem a capacidade de lembrar-nos que apenas somos monas vestidas. Tirem-nos as sedas e ficaremos tão ridículas, tão atrozmente vulneráveis como a Chita, tão cómicas como ela. Verónica Martínez Delgado apresenta-nos um diário poético onde toda a força irreduzível do desejo acha a sua voz. Ela aguarda por ele. Ela deseja-o. Impudicamente. Num exercício reiterado de rebeldia contra o modelo da honestidade pacata, a voz feminina da Lusocuria quer ser beijada e penetrada. Quer: mais uma vez, desafia. Procura essa erecção de 180 graus que faz pensar a leitora: de 180 graus? Uma sempre viu menos erecções das que desejaria –esperemos que não de menos graus do que corresponda– e começa a aplicar a regra aquela de medir ângulos às erecções todas, também às que pode lembrar. O corpo dessa voz poética está a encher de flores os barrotes da sua cela, para que não haja jeito de reprimir tanto desejo dormido. A voz escandalosa clama: "De repente/volta,/renova-se,/ e não disponho/ de orifícios, pénis, bocas, peles/ suficientes/ para saciar/ esta vontade/ incomensurável/ de você." E apenas no poema seguinte: "Tento/ masturbar-me/ para apagar/ todo rastro de desejo/ do meu rosto/ ao olhá-lo à tarde, / mas não chego. / Frustrada, / desisto/ enquanto relembro/ o nosso último encontro. / Surpresa/ frequenta-me/ o orgasmo,/ só de lembrá-lo/ sem tocar-me/ mesmo."

Talvez a autora de Lusocuria esteja a brincar com nós. Talvez exagere os seus êxtases. Sempre a sombra da biografia paira quando lermos a escrita de uma mulher. É triste, contudo, e foi muito denunciada esta atitude de leitura pelos feminismos vários. Pessoalmente, considero que

todo dado biográfico sobra (mesmo esse de Valdovinho, 1976): abafa na escrita feminina toda referencia à mulher que a escreve. Como declarava Eva Moreda, outra poeta galega, nessa agenda feminista com que nos agasalhou este ano o Observatório da Marinha pela Igualdade, deveríamos cuidar muito de fazermos leituras biografadas da obra literária. Porque tendemos a cair na estupidez de supormos que as mulheres não temos imaginação. Leon Tolstoi, príncipe russo, escreveu um romance enorme (em valor literário e em número de paginas) sobre a guerra, *Guerra e Paz*, nem que ele não fosse nunca à guerra, que não é ofício de príncipes, mas dever da leva de pobres e famintos. Por quê das mulheres se julga sempre que só somos quem de relatarmos o vivido? E, embora tantas prevenções teóricas, sai-me a bisbilhotada da infância, essa malícia, e pergunto-me: quem será esse ele que tão boas artes eróticas emprega? Quem será o homem de cabelo encanecido que pega nela a toda a hora, que a libera do cárcere? O sexo como tempo liberado, roubado à existência, parece-me um bom motivo literário e vital: carpe diem, collige, virgo, rosas. E, pior: ela como é que acha tempo para escrever em vez de passar o dia na cama? Mas, já volto ao livro.

Tenho para mim que a voz poética de Lusocuria está a alçar-se, desde esse corpo que contém todo o seu ser, berrando a consciência do poder que abeira o sexo, para dar-lhe um fim além do orgasmo: um fim que se projecta cara ao performativo, ao artístico, ao poético e ao político. Essa voz, aparentemente inocente, poderia pensar-se numa primeira leitura, ou assim o pensei eu, como uma garota de Ipanema, passando sabedora da fascinação que produz para escrever uma cantiga de amigo do século XXI: "rodearom-me as ondas, madre, que altas som!". Mas para a segunda leitura vi algo novo. Por muito atrevida que resultar, atrevida é a escrita de Verônica Martínez Delgado, descomplexada. Desculpem-me, se sou excessiva. Mas, antes, como disse atrevida, demonstro-o: entre a página 14 e a 24, oito vezes, que são muitas em poemas tão breves, 8 vezes digo, conjuga o verbo *foder*. Por certo, volta aqui a linguista, não gosto nada desse verbo, que ao se empregar tantas vezes com o significado negativo, perdeu valor erótico. Fui para o meu dicionário da Porto Editora e..., surpresa!, não figurava o verbo *foder*. Suponho que por censura editorial. Mesmo existindo, não seria melhor optar por algo como *folgar*? Sim, é

possível que o espanhol *follar*, tão coloquial nas nossas vidas, esteja a pensar por mim, a impor-se. Mas é tão positivo poder berrar que lhe *fodam* ao poder, que não me convence isso de que os amantes não brinquem com os seus corpos, não gozem do prazer e so fodam.

A voz de Lusocuria, desesperada, desassossegada, deseja. Deseja tanto que teme que não a desejem bastante. Teme que ele o faça com pouco interesse, que ele não esteja entregue. Essa voz, na minha segunda ou na terceira leitura pareceu-me pornográfica, de tão nua. Os corpos de Lusocuria são campos de batalha. As zonas erógenas, tão cantadas por Verónica, são armas carregadas. Os humores que as lubrificam são dinamita. As posturas que descreve são bombas de mão. A avidez insistente do desejo é uma soberba guerra para pôr de manifesto algo mais recôndito que a intimidade, mais coletivo: não nos vamos retirar para a convenção de um amor inventado, ditado nas suas fórmulas por outros. De recuperarmos o corpo, após tantas convenções sociais, após tantas restrições morais ou religiosas, após tanta negação do único que realmente possuímos, esse corpo, será para salvá-lo. De quê? Das torturas estéticas, talvez; da languidez do normativo, de certo. A pele é um campo semeado de minas, um campo espermatizado com que vingar tantas mulheres que morreram sem terem um orgasmo: as avós que não ousaram sair do modelo e ficaram sem gozar, as queimadas em tantas fogueiras por se darem ao lume da paixão, as que obedeceram e apenas só se reproduziram mecanicamente, aquelas mulheres todas histéricas, frígidas, controladas, maniatadas, mulheres violadas maritalmente, mulheres às que foi negada a intenção subversiva de chegar, uma vez trás da outra, a esse clímax onde ficarem fora do tempo e do espaço, dos ínfimos limites humanos... Todas essas mulheres sem lusocuria nem eroto-curia, para as que findou toda oportunidade de se converterem em esse objetivo subversivo de ser pele bem satisfeita, bem acarinhada e bem lambida..., apesar de que pela sua intervenção estejamos aqui. Porque as emoções que o corpo sente são tão subtis, tão delicadas, tão perigosas, tão íntimas e tão fascinantes que a alma se venderia ao próprio diabo, com todas as eternidades que lhe estão prometidas desde o início da criação em troca de uma pele para experimentar o que vive o corpo. A alma, tão pura e racional, tão asténica, tão controlada vender-se-ia ao

diabo mais próximo em troca de se tornar lóbulo de orelha, mamilo, axila, virilha, lábio... qualquer um, enfim, desses lugares recônditos onde os amantes depositam a sua lusocuria.

Obrigada a Veronica pela sua ousadia pornoterrorista nesta época em que resulta difícil imaginar algo melhor que novas formas de guerrilha terrorista que ponham o mundo que conhecemos de *patas arriba* para fazer, como predica o subcomandante Insurgente Marcos, uma figura redonda e perfeita: um mundo novo.